

18 MAI 1996

IBGE: economia teve retração de 2% no primeiro trimestre

Nos últimos 12 meses, crescimento foi de apenas 1,14%

Sergio Fadul

• A economia brasileira encolheu 2,1% no primeiro trimestre deste ano, em relação ao mesmo período de 1995, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O Produto Interno Bruto (PIB), a soma de todos os bens e serviços produzidos no país, cresceu apenas 1,14% nos últimos 12 meses, como resultado das restrições na área de crédito, elevadas taxas de juros, abertura comercial e valorização do real frente ao dólar. Em relação aos últimos três meses do ano passado, o PIB permaneceu estável.

O gerente de estudos e modelos do IBGE, Almir Parente Cronemberger, disse que a queda do PIB comprova a perda de dinamismo da economia no segundo ano de vida do Real. Os setores que apresentaram maior retração de atividade no primeiro trimestre deste ano, em relação a 1995, foram a indústria de transformação (-10,4%), a lavoura (-8,2%) e as instituições financeiras (-9%). Em contrapartida, alguns setores registraram crescimento acentuado, como comunicações (aumento de 14,8%), produção animal (14,4%) e extração mineral (5,2%). Na avaliação de Cronemberger, esses setores foram favorecidos por dependerem menos de empréstimos e terem acesso a recursos do Governo ou captados no exterior.

O diretor da Escola de Pós-Graduação em Economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Carlos Ivan Simonsen Leal, não se assusta com o fraco desempenho do PIB no último ano, afirmando que a estabilidade da moeda está sen-

do mantida em troca do crescimento da economia. De acordo com o economista, o plano está sendo sustentado por uma âncora que une câmbio e taxas de juros, como substituição a um ajuste fiscal, o que não permite que o Governo tenha déficit comercial, ou seja, que as importações superem as exportações. Para manter essa situação, fica-se cada vez mais dependente da combinação de juros altos e valorização do câmbio.

— A situação neste instante não é desesperadora, mas desanimadora — disse Carlos Ivan. — O nível elevado de reservas internacionais garante ao Governo alguns meses de tranquilidade. O ajuste fiscal é muito simples do ponto de vista técnico, mas complicadíssimo do político.

A taxa de crescimento do PIB vem caindo desde julho de 1995, depois que foi batido o recorde histórico de crescimento de 7,94%, no segundo trimestre do ano passado, lembrou Cronemberger. O gerente de estudos e

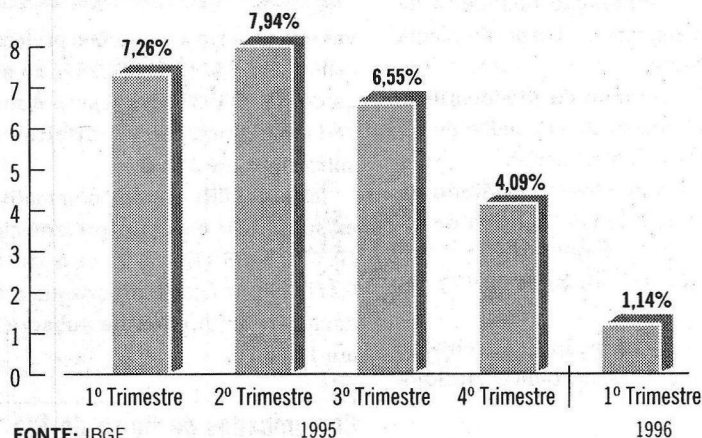
modelos do IBGE disse que o desaquecimento da economia dá indícios de ter atravessado a fase mais difícil e que contribuiu para conter a alta dos preços.

— Existe a relação de quanto maior for o crescimento da economia, maiores os preços, com efeito negativo para a inflação — afirmou Cronemberger, acrescentando que o desemprego é o custo desta relação.

O setor que menos cresce no país desde o início da década de 80 é o industrial, que, levando em conta os ajustes sazonais, teve um aumento de produção de apenas 10,83%, enquanto o PIB cresceu 34,23%. O destaque nos últimos 16 anos ficou com a agropecuária, que registrou um crescimento de 59,52%, contra 54,14% do setor de serviços, de acordo com o levantamento do IBGE. A queda de 9% na participação das instituições financeiras no PIB ocorreu, segundo Cronemberger, devido a problemas com inadimplência e com o fim do chamado lucro inflacionário. ■

Editoria de Arte

A DESACELERAÇÃO DO PIB (MÉDIA ANUAL)



FONTE: IBGE